

OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE**Nós, os portugueses**

Temos as mesmas potencialidades e fraquezas. Porém, o nosso padrão cultural não deixa muito espaço para revelarmos o potencial natural de cada indivíduo



António João Maia

As notícias, mais ou menos frequentes, de distinção do valor e do mérito dos portugueses por esse mundo fora são sempre ocasiões que nos deixam cheios de orgulho nacional.

Foi o que aconteceu recentemente com a entrega da Bola de Ouro – troféu que distingue anualmente o melhor jogador de futebol do mundo – a Cristiano Ronaldo. Ao “nosso” Cristiano Ronaldo, como orgulhosamente muitos afirmam, evidenciando que, enquanto portugueses, a distinção é também sua... Este troféu tinha sido já atribuído anteriormente ao mesmo jogador (2008), ao Luís Figo (2000) e, em 1965, a Eusébio, provocando invariavelmente as mesmas reacções... Ainda no futebol, uma referência a José Mourinho, pela forma como além-fronteiras se tem destacado entre os melhores treinadores do mundo.

No âmbito da psicologia e das neurociências, encontramos nomes como António Damásio, recentemente distinguido com o Prémio Grawemeyer 2014, ou Rui Costa, distinguido pelo Conselho Europeu de Investigação com um financiamento de 2 milhões de euros, ambos com investigação científica realizada nos Estados Unidos. Na gestão, o nome de António Horta-Osório, presidente do Lloyds Bank, um dos maiores grupos bancários do mundo, sediado em Inglaterra, ou, na cultura, José Saramago, Prémio Nobel da Literatura em 1998, que, por uma questiúncula política ligada à edição de uma das suas obras, optou por viver os últimos anos de vida em Lanzarote.

São apenas alguns dos muitos exemplos que temos, nas mais diversas áreas, de portugueses bem-sucedidos, com provas dadas ao nível do que de melhor se faz no mundo. Estes nossos compatriotas apresentam invariavelmente um outro traço comum, que é o de terem singrado além-fronteiras.

ras. E este pormenor suscita uma questão: serão eles pessoas de outra dimensão, com capacidades acima da média dos demais portugueses, ou simplesmente o êxito das suas carreiras foi e tem sido possibilitado precisamente porque encontraram noutros países, noutras culturas, as oportunidades que o permitiram?

Julgo que, sem descuidar a possibilidade de existência de traços de personalidade que ajudem a explicar os seus êxitos, o elemento mais importante seja precisamente o do contexto cultural onde se apresentem e explorem as oportunidades para se mostrar valor e mérito. E estas oportunidades não são iguais em todas as culturas.

Se há coisa que a antropologia afirma é que não existem sociedades perfeitas, nem sociedades melhores ou piores. Há sim modelos de organização social e cultural distintos, que resultam da sedimentação milenar das formas de adaptação e organização dos seres humanos a um determinado contexto espacial.

Nós, os portugueses, não somos diferentes dos outros seres humanos.

Temos as mesmas potencialidades e fraquezas. Porém, o nosso padrão cultural não deixa muito espaço para revelarmos o potencial natural de cada indivíduo, sobretudo quando se trata de inovação. Somos tendencialmente autocríticos, sobretudo relativamente a coisas novas, que ponham ou possam pôr em causa a lógica de realidade existente, o “sim, mas...” Este contexto crítico, que a maior parte das vezes não é frontal, é perverso, inibem-nos da exposição perante os outros, empurra-nos para o conformismo com a realidade existente, tolhe-nos sem que a consigamos questionar, empurra-nos para a apatia e para a circularidade das ideias, dos discursos e das práticas, retira-nos o espaço necessário para mostrarmos e darmos asas a novas formas de ler e modelar o mundo...

*Antropólogo, mestre em Sociologia
Escreve à sexta-feira*



OBEGEF
Observatório de Economia
e Gestão de Fraude



O nosso Cristiano

Rodrigo Cabrita

iCORREIO**“LAMENTAMOS INFORMAR QUE...”**

Se não é no início, pode ser a meio ou mesmo no final do parágrafo. Mas lá está esta expressão. Dura de ouvir. Muito mais, com certeza, do que foi escrevê-la. Provavelmente até fará parte de um texto ou carta em formato automático, onde só o nome de cima se substitui.

As primeiras palavras destas não custaram tanto a ouvir. Faziam parte de um percurso de alguém que já se sente grande na ciência mas ainda não tem muitas provas disso. Por isso, estas seriam uma das pedras do caminho que são precisas guardar para mais tarde fazer um castelo. As oportunidades iam aparecendo, sempre vestidas de novas esperanças e vontade de conquista, aumentando o espírito otimista de quem já o é, e não o perdendo a quem quase não o tem.

Mas o tempo passou e o texto não mudou.

Pode vir em jeito de projectos, acções integradas, bolsas, ou mascarados de outras colaborações. Com uma frase que termina sempre da mesma maneira. “Face ao orçamento disponível...”.

Hoje recebi mais um. Mais um dessa grande e única instituição que é a FCT.

O meu espírito otimista teima em ouvir os treinadores de futebol que perante a adversidade (de arbitragem por exemplo) respondem com trabalho e ainda mais trabalho. Mas estou certa que estes treinadores nunca estiveram a jogar num campo como é hoje o nosso científico. Onde as balizas desapareceram e os golos que se tentam marcar só são permitidos aos jogadores mais velhos e mais experientes. Como serão estas equipas no futuro, cheias de excelentes antigos jogadores e com os “juniores” sempre no banco? Quando precisarem destes “juniores” (alguns de idade avançada), eles não vão saber jogar ou simplesmente se cansaram de estar a ver o jogo no banco.

Ainda não sou uma cientista emigrante. Ainda não tenho planos para isso. Mas corro o risco de deixar de ser uma cientista se não tiver esses planos.

ALEXANDRA MONTEIRO – POR EMAIL



As mensagens dos leitores devem ser enviadas para o seguinte endereço: correio.leitores@ionline.pt